

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE DANÇA

Sâmea Mirele Oliveira Costa

**Ensino de Dança para crianças autistas sob a perspectiva de uma
professora autista: uma abordagem fenomenológica**

Aracaju-SE

2024

Sâmea Mirele Oliveira Costa

**Ensino de Dança para crianças autistas sob a perspectiva de uma
professora autista: uma abordagem fenomenológica**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Dança da Universidade Federal de Sergipe (UFS) como requisito básico para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Dança.

Orientadora: Profa. Dra. Jussara da Silva Rosa Tavares

Coorientadora: Profa. Dra. Lavínia Teixeira-Machado

Aracaju-SE

2024

AGRADECIMENTOS

Início reconhecendo os meus pais, Neide Oliveira e Oscar Júnior, como alicerce de tudo que fiz e que posso fazer, enquanto eles acreditarem em mim. Aos meus irmãos Sara e Esdras por dividirem dores, alegrias e pertencimento comigo. À toda a minha família piauiense, entre familiares e amigos da Dança, que apoiaram minha aventura rumo ao desconhecido em Sergipe.

Agradeço ao meu sergipano favorito e companheiro, o Deco, que com amor, suporte e paciência, acompanhou e acolheu a minha jornada de estudo e escrita, muitas vezes me lembrando de dar uma pausa necessária ou me trazendo um café! Agradeço a minha Maria também, por ser acalanto e parceria mesmo de longe.

Em seguida agradeço minhas orientadoras/professoras/inspirações Jussara Tavares e Lavínia Teixeira-Machado, pela confiança que tiveram no meu trabalho, pelo suporte e orientação sensíveis, que me oportunizaram a conclusão deste estudo. Reconheço aqui também o valor das pessoas que estiveram junto na experiência aqui relatada, por isso agradeço aos meus companheiros de extensão e pesquisa do Grupo de Dança TALT, que estiveram comigo desde o início das aulas de Dança, e em especial ao Jeff e a Thaianne, que diversas vezes passaram pelo meu trabalho em construção e me ajudaram com ideias, proposições, referências e até uma palavra amiga.

Agradeço imensamente aos pequenos dançarinos, meus alunos, que me permitiram trocas dançantes e me ensinaram tanto sobre relação, tempo, confiança e disponibilidade de corpo. Também agradeço aos pais e responsáveis desses queridos alunos, que confiaram no meu trabalho como licencianda de Dança, artista e autista.

Agradeço especialmente os professores Mário Resende e Carlos Alberto por terem aceitado o convite de participação da minha banca examinadora, contribuindo com este trabalho.

E não menos importante, agradeço aos funcionários do Cultart, Seu Mica e Dona Edileuza, aos meus colegas de turma, e a todo o corpo docente do curso de Licenciatura Plena em Dança da Universidade Federal de Sergipe: Ana Carolina Frinhani, Ana São José, Bianca Bazzo, Clécia Queiroz, Daniel Moura, Edna Nascimento, Fernando Davidovitsch, Jonas Karlos, Jussara Tavares, Marcelo Moacyr, Mário Resende e Thábata Liparotti. Todos estes me formaram enquanto professora de Dança durante esses quatro anos, e por isso, meu muito obrigada!

RESUMO

Este relato de experiência busca explorar nuances específicas da prática docente de uma formanda autista em Licenciatura em Dança, durante um Programa Extensionista de Ensino de Dança para crianças autistas. Com uma abordagem qualitativa e fenomenológica, o estudo investiga os processos de adaptação mútua, a criação de vínculos afetivos e as adaptações pedagógicas necessárias durante as aulas de Dança. Os resultados indicam que a construção de vínculos afetivos é fundamental para o engajamento das crianças autistas e que estratégias de adaptação sensorial e emocional, como o uso de músicas familiares e ambientes controlados, promovem a inclusão. Além disso, a inserção de professores autistas requer ajustes no ambiente de trabalho para minimizar a sobrecarga sensorial. O estudo reforça a importância de um ensino flexível e de práticas pedagógicas adaptadas para promover a inclusão no ensino da Dança, valorizando a diversidade e o potencial criativo de alunos e professores neurodiversos.

Palavras-chave: dança; educação inclusiva; transtorno do espectro do autismo; professores autistas.

ABSTRACT

This study reports specific nuances of the teaching practice of an autistic Dance undergraduate student in an Extension Dance Teaching Program for autistic children. Using a qualitative, phenomenological approach, the study investigates the processes of mutual adaptation, the creation of affective bonds, and the necessary pedagogical adjustments during the dance classes. The results indicate that building affective bonds is essential for the engagement of autistic children in dance classes, and that sensory and emotional adaptations, such as the use of familiar music and controlled environments, promote inclusion. Furthermore, the inclusion of autistic teachers requires adjustments in the work environment to minimize sensory overload. The study highlights the importance of flexible teaching and adapted pedagogical practices to promote inclusion in dance education, valuing the diversity and creative potential of neurodiverse students and teachers.

Keywords: dance; inclusive education; autism spectrum disorder; autistic teachers.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO -----	7
1.1 Questão de pesquisa -----	9
1.2 Objetivo Geral -----	9
1.3 Objetivos Específicos -----	10
2. MÉTODOS/ TRAJETOS -----	11
2.1 Características da pesquisadora e reflexividade -----	12
2.2 Contexto -----	12
2.3 Estratégia de Amostragem -----	15
2.4 Questões Éticas Relacionadas a Seres Humanos -----	16
2.5 Método de Coleta de Dados -----	16
2.6 Instrumentos e Tecnologias de Coleta de Dados -----	17
2.7 Processamento e Análise de Dados -----	18
3. RESULTADOS -----	18
4. DISCUSSÃO -----	21
4.1 O tempo de adaptação da professora autista ao trabalho -----	21
4.2 A ética no trabalho com crianças autistas -----	22
4.3 O vínculo com os alunos e aceitação do não querer -----	23
4.4 Adaptação pedagógica e estrutural da sala de aula -----	24
5. IMPLICAÇÕES -----	24
6. CONTRIBUIÇÕES PARA O CAMPO: tecendo algumas considerações -----	26
7. REFERÊNCIAS -----	27

1. INTRODUÇÃO

A educação de pessoas com deficiência, especialmente aquelas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), enfrenta desafios significativos no que diz respeito à promoção de práticas pedagógicas que busquem a igualdade de oportunidades e a inclusão (Cunha, 2023). No campo das artes, particularmente na Dança, observa-se um crescente reconhecimento sobre seu papel no desenvolvimento motor, cognitivo e social de indivíduos autistas. Entretanto, a maioria dos estudos nessa área tende a focar em abordagens terapêuticas e de reabilitação, enquanto a dimensão educativa e artística da Dança, enquanto área de conhecimento, permanece subexplorada (Silva e Orlando, 2019).

A Dança, compreendida como uma linguagem artística, oferece formas diferenciadas de interação com o mundo, promovendo a expressão sensorial, social e criativa, inclusive para pessoas autistas (Marques e Brazil, 2014; Teixeira-Machado, 2020). No entanto, o ensino de Dança para esse público, muitas vezes, é tratado sob uma perspectiva assistencialista, relegando a Dança à função de ferramenta terapêutica e negligenciando seu potencial educacional e criativo (Rossi e Muster, 2013). Dessa forma, enquanto a literatura atual aponta para benefícios da prática regular da Dança para o aumento da consciência corporal e da comunicação social em crianças autistas (De Jesus et al., 2020; Koch, 2015), existe uma lacuna em relação à inclusão de professores autistas no cenário educacional da Dança.

Essa lacuna sugere a necessidade de repensar o papel da Dança e do autismo no contexto da pesquisa educacional. Seria a Dança uma forma de educação, arte, terapia ou uma simples ferramenta? Para mais, a inserção de pesquisadores autistas em estudos sobre autismo reflete uma mudança significativa na maneira como suas contribuições são percebidas.

Jones (2021) destaca que, historicamente, pessoas autistas eram vistas apenas como 'colaboradores simbólicos', cuja principal contribuição era sua vivência no espectro. No entanto, atualmente, reconhece-se que essas contribuições vão além da experiência pessoal, englobando também habilidades e conhecimentos adquiridos enquanto pesquisadores treinados. Além disso, as discussões acerca da educação e autismo focam em estudantes

autistas e nas práticas pedagógicas que professores neurotípicos¹ poderiam adotar. No entanto, a presença crescente de professores autistas levanta questões sobre as barreiras enfrentadas, ao mesmo tempo que destaca o potencial desses professores em promover práticas inclusivas (Stevens, 2022).

Neste contexto, este estudo propõe-se a investigar as dinâmicas de ensino-aprendizagem em um programa de Dança voltado para crianças autistas, ministrado por uma professora também autista. A pesquisa foca nos processos de adaptação mútua, na criação de vínculos e nas adaptações pedagógicas necessárias, com o objetivo de contribuir para o debate sobre inclusão na educação artística e para ampliar a compreensão da Dança como uma forma de conhecimento, expressão e lugar comum acessível a todos.

A literatura existente sobre a educação de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem ampliado suas abordagens, especialmente em áreas como a Dança, que tradicionalmente foi explorada sob a ótica da reabilitação e da terapia. No entanto, autores como Vianna (2021), em seu ensaio sobre Dança e autismo, enfatiza a capacidade da Dança de transcender essas fronteiras quando compreendida como um campo de conhecimento acessível a todos, incluindo pessoas autistas. Essa perspectiva também valoriza verdadeiramente a produção e o trabalho de artistas com deficiência.

Vianna (2021), destaca que a arte não deve ser reduzida a uma ferramenta terapêutica, mas deve ser reconhecida como um meio de criação, expressão e transformação tanto para indivíduos neurotípicos quanto para pessoas autistas. A prática artística, segundo a autora, pode revelar novas maneiras de interagir com o mundo e com o próprio corpo, oferecendo oportunidades para explorar o que ela chama de "corpos plurais", ou seja, a diversidade de formas de ser no mundo. Essa perspectiva contribui para a ideia de que a Dança, enquanto área de conhecimento, pode fomentar uma pedagogia inclusiva e adaptada.

Estudos anteriores relatam o uso de Danças recreativas e da Dança-improvisação em programas de Dança para pessoas autistas (Alon et al., 2023; Millard et al., 2021; Hermans, 2018; Teixeira-Machado, 2022; Nelson et al., 2017). No entanto, a maioria dos estudos se baseia na Dança/Movimento Terapia (DMT) ou Dançaterapia como intervenção,

¹ Neurotípico é um termo comum na comunidade autista para se referir a pessoas que não apresentam problemas ou diferenças no desenvolvimento neurológico, ou seja, têm um funcionamento cerebral que se encaixa nas expectativas culturais predominantes. Contudo, entendem a neurotipicidade num sentido irônico e de protesto como um “transtorno neurobiológico caracterizado pela preocupação com questões sociais, delírios de superioridade e obsessão pela conformidade. [...] Frequentemente assume que sua experiência no mundo é a única ou a única correta. Neurotípicos acham difícil ficar sozinhos e, em geral, são aparentemente intolerantes às menores diferenças dos outros” (Ortega, 2008, p. 478).

especialmente em estudos de caso e ensaios clínicos randomizados (Mastrominico *et al.*, 2018; Koch *et al.*, 2015; Teixeira-Machado, 2015; Teixeira-Machado *et al.*, 2022).

As formas de se praticar Dança para sujeitos autistas são, portanto, variadas. Como aponta Vianna (2021, p. 18), "[...] não se trata de adaptar uma técnica de dança para aquele público, mas de criar outros modos de fazer a partir das invenções próprias dos sujeitos ali presentes." Isso implica num esforço comum de reinventar-se a cada aula, e considerar a experiência de dançar com essas crianças como, primeiramente, um momento de escuta. A partir disso, as formas de dançarmos juntos surgem.

Além disso, uma revisão de literatura sobre a vivência de professores autistas (Stevens, 2022) aponta o impacto positivo desses profissionais no ensino, sugerindo que eles trazem abordagens pedagógicas mais sensíveis às necessidades dos alunos no espectro. Contudo, também enfrentam desafios institucionais e culturais que precisam ser mais explorados.

Este estudo, ao investigar uma professora autista ensinando Dança para crianças autistas, explora as dinâmicas de ensino que reconhecem o direito dos estudantes a uma educação artística completa, não apenas adaptada. Ao valorizar as produções de corpos plurais, esta pesquisa contribui para expandir a inclusão de neurodiversos no campo da arte, e preenche uma lacuna ao analisar como a vivência compartilhada pode enriquecer o ensino-aprendizagem e promover práticas pedagógicas inclusivas.

1.1 Questão de pesquisa

A partir de uma perspectiva fenomenológica, o relato de experiência busca explorar a Dança não apenas como uma ferramenta terapêutica, mas como um meio de inclusão que valoriza a diversidade na expressão artística e educativa. O estudo se fundamenta na ideia de que todos têm o potencial de se expressar e criar artisticamente, e que reconhecer as produções de pessoas com deficiência é um convite a explorar novas formas de sentir e fazer Dança.

A questão central do presente estudo é: Como se desenvolvem as dinâmicas de ensino-aprendizagem em aulas de Dança ministradas por uma professora autista para crianças autistas, considerando os processos de adaptação mútua, criação de vínculos e as adaptações pedagógicas necessárias?

Para tanto, delineamos os seguintes objetivos:

1.2 Objetivo Geral: Relatar nuances específicas da prática docente de uma formanda em Licenciatura Plena em Dança, autista, em um Programa Extensionista de Ensino de Dança para crianças autistas da comunidade.

1.3 Objetivos Específicos:

- Analisar o processo de adaptação mútua perante a prática, onde professora e alunos estão no espectro.
- Descrever os processos de vínculos criados durante as aulas de Dança;
- Relatar as adaptações necessárias durante as aulas de Dança.

2. MÉTODOS/TRAJETOS

Este estudo, de natureza aplicada, adota uma abordagem qualitativa, descritiva e orientada pela fenomenologia. A fenomenologia trás um foco na essência do fenômeno vivido, e é a abordagem teórica central, pois busca-se compreender e situar as experiências pedagógicas de uma professora autista em formação no curso de Licenciatura em Dança pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). O estudo concentra-se nas interações pedagógicas e nas adaptações necessárias em um programa de Dança voltado para crianças autistas, enfatizando a prática docente e as particularidades de ensinar alunos também no espectro, com diferentes níveis de suporte.

Dentro do paradigma fenomenológico, o objetivo é captar as experiências subjetivas e intersubjetivas vividas pela professora, que, embora únicas, estão inseridas em um contexto mais amplo e passíveis de interpretação. Essa abordagem permite que a pesquisa vá além das meras observações externas, adentrando as percepções e significados atribuídos pela professora às suas experiências com os alunos. Assim, a fenomenologia aqui empregada busca descrever o fenômeno do ensino de Dança em sua complexidade e riqueza.

A fenomenologia como uma alternativa metodológica para pesquisa, contrapõe-se ao positivismo de Augusto Comte (1798-1857) para quem ciência significa metodologia sistemática, limitada aos fatos – ocorrências tipicamente verificáveis e relações constantes entre os fatos [...]. (Martins et al., 1990, p.1)

Para a coleta e análise dos dados, diversas fontes foram utilizadas, incluindo memórias reflexivas da professora, diários de campo, filmagens das aulas e diálogos com a equipe do programa. A análise dos dados seguiu o rigor metodológico da fenomenologia, mantendo uma reflexão constante sobre os desafios e motivações surgidos no ensino de

Dança para crianças autistas, em um contexto extensionista que ocupa um espaço singular, entre o clínico e o escolar, sem se restringir a nenhum dos dois.

A proposta do programa foi dar continuidade ao protocolo desenvolvido pela professora coordenadora, com flexibilidade para incorporar novas ideias da extencionista responsável pelas aulas. Este protocolo “baseia-se na contextualização do ato de dançar, estimular a estesia, baseada na Teoria da Mente”² (Teixeira-Machado, 2021, p. 294) e em três fundamentos principais: o eu, o ambiente e o outro.

De acordo com a autora, o primeiro eixo baseia-se no perceber-se a partir da imagem corporal, na amplitude de movimentos representados pelos planos e eixos de movimento ao uso do corpo, no constante trabalho da coordenação motora e na agilidade e habilidade de movimentos provocados por ações de ocupação do espaço, mecanismos de coordenação motora, estabilidade corporal e ações simultâneas com partes do corpo.

Além disso, Teixeira-Machado destaca a importância do ambiente adequado como parte da estrutura geral da aula. As aulas aconteceram em uma sala de aula disposta no Campus de Lagarto (UFS), e haviam instrumentos como aparelho de som e tatames para compor os recursos. Além desses recursos, é fundamental reduzir os estímulos sensoriais na sala, utilizando poucos adereços e mantendo o volume do som em níveis confortáveis.

A exploração desse espaço com o corpo, em experiências dançantes, deve ser trabalhada e, para provocar isso, a autora propõe o estudo dos níveis planares propostos por Laban³: o nível baixo (em sentido ao chão), o médio (em sentido a altura do centro do corpo) e o alto (em sentido a uma altura maior do que se tem, para cima). Também, os quatro fatores de movimento do mesmo autor: espaço, tempo, fluência e peso (Laban, 1950).

Sobre o terceiro eixo fundamental - o outro, interessa dizer que estimula-se o diálogo interpessoal dentro de uma dimensão além da palavra. Chegar e encontrar os colegas, compartilhar o espaço para dançar, engajar em atividades de roda e cirandas, explorando a sincronização de movimentos e o contato físico com os demais, e ainda as apresentações públicas e toda a preparação que elas pedem. Essa interação baseada no trabalho performático

²A teoria da mente é compreendida como a capacidade de compreender e atribuir estados mentais a si e aos outros, um processo cognitivo que permite se imaginar no lugar dos outros. O comprometimento dessa habilidade pode dificultar os processos de interação social das pessoas. (Santos, 2022)

³ Na teoria de Laban (1950), existem níveis planares no espaço em que podemos explorar com o movimento, e que foram denominados de nível alto (acima do centro do corpo), nível médio (rente ao centro do corpo) e o nível baixo (abaixo do centro do corpo).

estimula uma atitude incorporada dos sujeitos autistas (Teixeira-Machado, 2020; Teixeira-Machado e Passos, 2021).

A seguir, a escrita deste texto será adotada na primeira pessoa para a descrição das características da licencianda e autora.

2.1 Características do pesquisador e reflexividade

Como professora e pesquisadora em formação, reconheço o impacto das minhas experiências pessoais no presente estudo, por isso, é notável mencionar o que me move nessa temática. Recebi meu diagnóstico de autismo (nível 1 de suporte)⁴ durante a graduação em Dança, junto com o diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). A partir desse momento, houve um processo intenso de desaprendizagens, luto e construção de uma identidade consciente do ser autista. Mas esse mesmo processo envolveu negociações nos espaços que ocupo e nas áreas que eu estava envolvida, como o ensino da Dança.

E dentro dos contextos nos quais eu me insiro, por vezes, o meu ser autista e as questões sobre inclusão e acessibilidade que esse fenômeno moveu, eram tratados como especificidades distantes. Em contrapartida, me foi aberto espaço para adentrar certos locais, pesquisas e conhecimentos a respeito da Dança como ferramenta educacional inclusiva e seus impactos na saúde física e mental de pessoas com deficiência. E essa é uma perspectiva que eu valorizo, e que me faz buscar mais. Com uma formação artístico-pedagógica, me interessa pensar a experiência de dançar com todas as pessoas, e a investigação e reflexão das maneiras para fazer isso.

Os conhecimentos educacionais e artísticos de um propositor de Dança para essas pessoas, pode deslocar a prática da Dança para um outro fazer, com objetivos que não anulam a busca pela saúde, pois movimento é saúde, mas que adicionam uma atenção aos aspectos didáticos, estéticos e éticos neste fazer.

2.2 Contexto

O programa de Dança que resultou nesta redação, aconteceu a partir das atividades do projeto de extensão associado à Universidade Federal de Sergipe (UFS) denominado Técnica

⁴ Os níveis de suporte no autismo, de acordo com o Instituto NeuroSaber, indicam a intensidade de apoio necessária no cotidiano para lidar com dificuldades sociais, comunicativas e comportamentais. No nível 1, a pessoa requer pouco suporte, com dificuldades sutis de interação e flexibilidade. No nível 2, o suporte é substancial, devido a desafios mais evidentes na comunicação e comportamentos repetitivos. No nível 3, é necessário suporte muito substancial, pois há severas dificuldades de comunicação e grande dependência para realizar atividades cotidianas. Esses níveis ajudam a direcionar as intervenções adequadas para cada indivíduo.

Aplicada Lavínia Teixeira (TALT), atualmente vinculado ao Laboratório de Arte, Cultura, Educação e Saúde (LACES) que, além de gerar experiências formativas aos estudantes de graduação, tem como principal objetivo a utilização da Dança como intervenção terapêutica e sobretudo educacional para crianças e jovens com deficiência, promovendo também a inclusão social para essas pessoas e suas famílias. Atualmente o projeto conta com duas turmas, incluindo a turma com crianças autistas, aqui trabalhada, e uma turma de adultos com deficiências diversas.



Figura 1. Andrade, A. (2024). [Registro de reunião com responsáveis dos alunos do grupo TALT] [Fotografia].
Universidade Federal de Sergipe.

A turma foi composta por 13 crianças e jovens (3 meninas e 10 meninos) com idades entre 4 e 16 anos, diagnosticadas com Transtorno do Espectro do Autismo por profissionais da saúde. Foram realizadas um total de 32 aulas de 40 minutos cada e uma apresentação pública, entre Outubro de 2023 e Setembro de 2024⁵. As aulas foram realizadas no Campus de Lagarto (UFS), em sala de aula apropriada para Dança, com tatames, almofadas para maior conforto e aparelho de som. Além dos recursos essenciais citados, existiam também

⁵ No ano de 2024 os docentes e técnicos das universidades federais estiveram em greve entre 15 de Abril e 09 de Julho, e as atividades do TALT foram suspensas durante esse período.

alguns quadros com imagens de Dança com predomínio da estética clássica, uma mesa com cadeira e banners dispostos na sala.

No início desta jornada de ensino, algumas crianças já participavam do projeto, enquanto outras estavam começando a experiência. Por isso, foi dada continuidade às atividades previamente propostas, que boa parte da turma já conhecia. Ao mesmo tempo, foi necessário prestar atenção à recepção dos novos alunos, observando como eles se identificavam com as músicas, gestos, comportamentos e pessoas ao redor.

Embora estejamos em um contexto de ensino informal, o ato de avaliação é imprescindível no processo de ensino-aprendizagem. No entanto, essa avaliação não se refere a uma classificação com notas, mas sim ao acompanhamento do trabalho docente, possibilitando uma reflexão crítica sobre a prática (Suhr, 2009). A partir de observações, gravações, diários de campo e discussões entre a equipe após as aulas, conseguimos fortalecer o processo de ensino através de avaliações diagnósticas e processuais, refletindo sobre as experiências vividas com os alunos.

Seguindo o protocolo proposto por Teixeira-Machado (2021), o plano de curso tinha como objetivo estimular o desenvolvimento da consciência corporal, promover a percepção estética, incentivar a intencionalidade do gesto, fomentar a reciprocidade social e explorar o espaço por meio do movimento. Ao percebermos que algumas crianças demonstravam preferência por músicas específicas, incluímos essas canções no planejamento com o objetivo de fortalecer o vínculo das crianças com o momento da aula.

As aulas começavam com uma brincadeira, onde a professora cantava “Quero ver quem pega” e batia palmas três vezes, repetindo o jogo entre cinco e dez vezes. A cada rodada, as crianças eram direcionadas a tocar diferentes partes do próprio corpo, dos colegas ou em objetos presentes na sala. No entanto, os comandos verbais nem sempre funcionavam de imediato, sendo necessário que a atividade fosse conduzida pelo movimento corporal dos monitores e da professora, buscando formas expressivas para engajar as crianças. Quando os alunos demonstravam pouco interesse, repetíamos o comando mais algumas vezes. Esse jogo de palavras cantadas, realizado no início das aulas, visava estimular a imitação e a sincronização rítmica através das palmas, além de contemplar os três eixos centrais do protocolo: o eu, o outro e o ambiente.

Após essa introdução, considerando que as crianças chegavam à aula frequentemente agitadas, a segunda atividade envolvia deslocamentos pelo espaço. Propunha-se que elas corresse em várias direções pela sala, variando as velocidades e explorando diferentes planos de movimento: rastejar no plano baixo, saltar no plano alto, e assim por diante. Essa atividade tinha como objetivo estimular a consciência corporal e a exploração do espaço de forma lúdica.

Em seguida, as atividades incluíam músicas infantis, como "A Janelinha", de Márcio Coelho e Ana Favaretto, onde o movimento de abrir e fechar a janela era incorporado aos gestos das crianças, utilizando braços e pernas em posições sentadas e em pé. As crianças se moviam de acordo com suas interações, algumas sincronizando os movimentos de abrir e fechar, enquanto outras participavam mais livremente, caminhando ou permanecendo em pé.

Os graduandos que auxiliavam nas aulas tinham a tarefa de se tornarem extensões do corpo do proponente, maximizando a afetividade (ou efetividade?) dos gestos e incentivando a imitação entre as crianças. Por vezes, cada monitor se concentrava em uma criança específica, a fim de desenvolver vínculos e oferecer o suporte necessário para que se sentissem seguras e engajadas.

Chegava então o momento de incluir músicas familiares às crianças, como "A Casa do Zé" de Bia Bedran e "Estátua" de Xuxa, que incorporavam comandos corporais. A música "Tchutchuê" de Rebeca Nemer, sempre muito solicitada pelos alunos, também fazia parte desse repertório, permitindo que até os alunos recém-chegados demonstrassem intimidade com as canções e seus comandos de movimentos.

Em seguida, trabalhávamos com a canção "Ciranda dos Bichos" da banda Palavra Cantada, formando uma grande roda. Algumas crianças não gostavam de segurar as mãos dos outros, então elas eram encorajadas a participar do seu próprio modo e no seu próprio tempo, deixando a roda com alguns espaços vazios. Essa roda, ainda que porosa, era um lugar que representava a possibilidade do encontro, à medida que as crianças se sentiam disponíveis para isso. Por isso, é uma roda dotada de trabalho em equipe e de cooperação, onde as crianças dançavam imaginando os movimentos dos animais citados na música, alternando entre momentos de palmas sincronizadas e transferência de peso também.

Nos momentos finais da aula, trazíamos uma atmosfera de relaxamento com a música "Meu Anjinho" da banda Pequeno Cidadão. Esse era o momento de retorno ao "eu", onde

buscávamos reduzir a excitação e promover o relaxamento corporal. As crianças eram incentivadas a expressar os sentimentos da aula, e, por vezes, repetiam os gestos que havíamos trabalhado anteriormente. A professora e os monitores permaneciam deitados ou sentados, ajudando as crianças a desligar as luzes e se encantarem com pequenas bolhas de sabão.

2.3 Estratégia de amostragem

A licencianda em Dança foi selecionada a partir de um edital de projeto de extensão denominado Dança e Pessoa com Deficiência em Fevereiro de 2023, no qual demonstrou interesse no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas do estudante da UFS e entrou em contato com as atividades de pesquisa e extensão do TALT. Em Outubro, foi designada para dar aula de Dança no projeto e esteve, a partir disso, no Campus de Lagarto com a turma das crianças.

Já os mediadores foram selecionados a partir da inscrição no projeto de extensão universitária do TALT, que, no Campus de Lagarto, é composto por graduandos de Enfermagem, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional, medicina e nutrição, tidos como membros do grupo e mediadores nas aulas de Dança.

Os responsáveis pelas crianças entram em contato com o projeto de extensão a partir da página do *Instagram* “taltprodida”, onde são feitas postagens das atividades ofertadas à comunidade. Ao demonstrarem interesse no projeto, são direcionados a conhecerem a universidade, e a dispor de algumas informações básicas das crianças, como dados de identificação, relatório médico e relatório escolar, e esses dados são organizados em pastas para cada criança. São aceitas nessa turma, crianças com deficiência a partir dos 4 anos de idade, mas como a demanda de crianças autistas era maioria, foi decidido manter a turma com a especificidade do diagnóstico de TEA por algum profissional da Saúde para fins de pesquisa com o público alvo.

2.4 Questões éticas relacionadas a seres humanos

O estudo seguiu diretrizes éticas rigorosas, obtendo aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe (CAAE nº 73302017.7.0000.5546, parecer nº 2.499.567). Foram garantidos o anonimato e o consentimento informado das participantes, assegurando a confidencialidade e a proteção de seus direitos durante todo o processo.

2.5 Métodos de coleta de dados

A essência do estudo está nas interações pedagógicas e nas adaptações necessárias para criar um ambiente de ensino inclusivo e eficaz. Considerando a especificidade das relações entre professora e alunos, a fenomenologia é particularmente adequada para captar a subjetividade dessas experiências e os significados que emergem das aulas de Dança. A análise dos dados seguiu o rigor metodológico da fenomenologia, mantendo uma reflexão constante sobre os desafios e motivações surgidos no ensino de Dança para crianças autistas, em um contexto extensionista que ocupa um espaço singular, entre o clínico e o escolar, sem se restringir a nenhum dos dois.

Para compreender as múltiplas dimensões deste fenômeno, foram usados alguns métodos de análise de dados: diários de campo da licencianda; vídeos que capturam momentos de prática pedagógica e interação entre professora, mediadores e alunos; diálogos entre a equipe responsável pela turma, proporcionando uma troca de percepções e observações sobre o desenrolar da experiência. De modo geral, os registros produzidos incluem transcrições de informações, descrições de comportamentos dos alunos, apontamentos, descrições do espaço físico, impressões sobre a professora e reflexões diversas que compõem o presente trabalho.

2.6 Instrumentos e tecnologias de coleta de dados

O diário de campo foi um instrumento produzido a partir do tempo de vivência da equipe no campo de pesquisa/sala de aula. Nisso, foi criado um grupo no Whatsapp intitulado “Diário de Campo TALT” no qual a equipe entrava após as aulas e descrevia as impressões tidas da experiência. As perguntas guia para tal relato foram: Como a aula de hoje se desenvolveu no geral? Como as crianças se envolveram corporalmente com as propostas dançantes? Como foi a interação entre professor/mediador e aluno? E a partir das percepções provocadas a cada aula, foi-se construindo um registro do cotidiano das aulas de Dança, como visto no pequeno recorte a seguir:

Hoje tivemos algumas novidades em relação a turma das crianças mesmo: o Luar⁶, que permanecia em muita introspecção durante as aulas, chegou hoje muito disponível para se divertir. Como sentimos ele diferente, tentei dar atenção individual em alguns momentos, o que resultou em carinho, risadas, olho no olho e brincadeira corporal. Ele gosta muito de se sentir pendurado e livre, e quis subir nas minhas costas. Isso despertou a atenção das outras crianças e virou uma atividade hoje, pois repetimos algumas vezes com cada um. Mais ainda, ele caminhou

⁶ Aqui são usados nomes fictícios nos relatos sobre os alunos, para preservar a identidade de cada um.

bastante pela sala de aula, explorou o ambiente e demonstrou curiosidade pelos colegas. Também bateu palmas após as atividades da “janelinha” e “enrola enrola” (duas das nossas atividades mais antigas, presentes na aula desde o começo da experiência dele no TALT) e conseguimos entender as partes da aula que ele gosta, que deixaram memória nele: que foram incorporadas. (Relato da licencianda em Dança em 09/09/2024)

Para mais, o material escrito foi compartilhado, revisado e comentado pela coordenadora do projeto, professora Lavínia Teixeira-Machado, além de ter sido refletido pela equipe em conjunto em determinadas reuniões para garantir que suas experiências fossem representadas fielmente. Algumas notas em um caderno específico para este momento foram feitas pela licencianda em Dança, que esteve como professora da turma, contribuindo ainda mais com impressões particulares.

2.7 Processamento e análise de dados

Os registros de relatos do grupo de Whatsapp, juntamente com as notas particulares da licencianda em Dança, foram dispostos em um documento *Word* para uma melhor organização de dados. Já a análise desse material foi feita manualmente com a familiarização com os relatos, a síntese específica de cada texto e a discriminação de unidades de significado. Nisso, desenvolveu-se um levantamento dos temas significativos que surgiram a partir dos materiais coletados, que constituem a natureza da experiência vivida. A definição dos quatro temas significativos encontrados se dispõe nos resultados a seguir.

3. RESULTADOS

Os achados nos relatos qualitativos capturam a dinâmica das interações entre alunos autistas, professores e mediadores. Eles refletem uma série de experiências significativas, como a importância do vínculo emocional, a adaptação progressiva das crianças, e a implementação de estratégias pedagógicas adaptativas. No processo de adaptação da professora autista, surgiram desafios como a distância entre seu local de residência e o campus, exigindo um deslocamento considerável, e as dificuldades sensoriais ocasionadas pelo barulho e agitação das crianças. A mesma teve o primeiro contato com a turma em uma sessão de observação, a fim de se familiarizar com o ambiente, com as pessoas da universidade, com as famílias e os alunos assistidos.

Esse início, no entanto, foi extremamente desafiador. Enfrentei uma série de dificuldades sensoriais devido ao barulho e à agitação das crianças, além do peso de estar assumindo um papel novo e complexo como professora. Além disso, o deslocamento necessário para as aulas contribuiu para uma sobrecarga significativa. Resido em Aracaju, enquanto as aulas ocorriam no Campus Universitário Professor Antônio Garcia Filho, na cidade de Lagarto. A universidade oferecia transporte, mas eu precisava pegar um ônibus até o campus de Aracaju, depois viajar por aproximadamente uma hora até Lagarto, realizar a aula e repetir todo o trajeto de volta. Esse processo de deslocamento, somado às demandas das aulas, gerava um acúmulo de estresse logo nas primeiras semanas.

No primeiro mês, a sobrecarga era constante. Não apenas o deslocamento, mas também o fato de eu ainda não estar familiarizada com o campus, os mediadores do projeto e os alunos contribuíam para essa sensação de exaustão. Lidar com a logística das aulas – como organizar o som, cabos e abrir a sala – aumentava ainda mais essa pressão. A dificuldade em estabelecer vínculos com os alunos autistas, essencial para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, frequentemente me levava a um estado de crise emocional e física, resultando em *meltdowns*⁷ e *shutdowns*⁸, comuns em situações de sobrecarga sensorial e emocional. (relato da licencianda autista)

Do ponto de vista profissional, sua maior frustração estava na incerteza sobre como eu conseguiria me conectar com os alunos. O processo de aprendizagem é intrinsecamente relacional, e, no caso das crianças autistas, a tradicional hierarquia professor-aluno não se aplica da mesma maneira. Foi sentido que, antes de propor qualquer atividade, era necessário estar disponível para receber as crianças, respeitar o tempo delas e compreender suas necessidades. No entanto, para que isso fosse possível, havia necessidade também da licencianda se adaptar ao novo ambiente, processo que exigia tempo e paciência.

Outro desafio enfrentado nas aulas pela licencianda foi o peso ético das decisões relacionadas à disciplina corporal. Como professora, foi preciso avaliar constantemente sua postura e atitude em sala, com uma preocupação especial em não impor uma disciplina

⁷ Shutdown e meltdown são reações comuns em pessoas autistas que ocorrem em situações de sobrecarga sensorial, emocional ou cognitiva. Segundo o Instituto Inclusão Brasil, o meltdown é uma explosão de emoções que se manifesta externamente, caracterizada por perda de controle, choro, gritos ou movimentos agressivos. Esse colapso ocorre quando a pessoa não consegue mais lidar com os estímulos, gerando uma resposta física intensa.

⁸ O shutdown é uma reação oposta, em que a pessoa se "desliga" ou se fecha, apresentando uma resposta interna de inatividade ou imobilidade, como se estivesse paralisada. Ambos os fenômenos são formas de autodefesa diante de uma sobrecarga, mas se manifestam de maneiras diferentes: enquanto o meltdown é externo e explosivo, o shutdown é interno e mais silencioso.

excessivamente rígida ou dominadora sobre os alunos. Em contextos de ensino como esse, a autopercepção e o conforto corporal desempenham um papel fundamental, levando a professora a adotar estratégias que valorizassem a expressividade dos corpos, sem limitar a espontaneidade ou a necessidade de movimento, tanto dos alunos quanto dela mesma.

Além da repreensão externa pela manifestação de um comportamento atípico, a autopercepção corporal – o sentimento de estar agindo de maneira destoante ou de atrair atenção indesejada – pode ser extremamente desconfortável para pessoas autistas. Esse constrangimento leva, muitas vezes, a tentativas de ajuste comportamental, limitando a expressividade em situações sociais, o que torna o processo de ensino e interação mais desafiador. Por isso, na experiência em questão, foi buscado uma maneira de ensinar Dança de uma maneira que não impedisse os corpos e suas necessidades de movimento (ou da falta dele) tanto para a professora quanto para as crianças.

Além disso, um dos aspectos mais evidentes nos relatos é a importância do vínculo emocional entre a professora e os alunos. Esse vínculo, como observado no comportamento do Rei Sol, demonstrou ser essencial para garantir o engajamento das crianças nas atividades. No início do projeto, Rei Sol⁹ apresentava resistência, mantendo um comportamento defensivo e se recusando a participar das atividades de Dança.

No entanto, após a introdução da estratégia do "ajudante do dia", que lhe conferiu responsabilidades na organização da sala, observou-se uma mudança significativa em sua atitude, com maior participação e até satisfação ao ser elogiado por sua contribuição. Esse exemplo ilustra como a construção gradual de vínculos pode transformar a experiência pedagógica, permitindo que as crianças se sintam mais seguras e envolvidas no processo de aprendizagem.

Ainda, a licencianda e os mediadores relatam um longo processo de construção de vínculo nas várias instâncias interativas com os alunos. As interações entre os próprios alunos envolviam olhares discretos uns aos outros, brincadeiras corporais de pega-pega, alguns desentendimentos, contatos físicos não permitidos, competições de gritos altos e, no meio de tudo isso, algumas sincronias com os gestos estimulados nas atividades dançantes.

À medida que a equipe foi demonstrando estar ali para aquelas crianças, a confiança e o prazer de estar foram notados. Alguns pais chegaram mencionando o quanto seus filhos estavam animados para ir ao TALT a cada segunda, e os mediadores passaram a conhecer

⁹ Aqui são usados nomes fictícios nos relatos sobre os alunos, para preservar a identidade de cada um.

melhor cada criança. Com isso, obtinha-se informações valorosas sobre a identidade dos alunos, como mencionado no exemplo abaixo:

Eu passei a aula acompanhando o Luar. É uma criança extremamente afetiva e com bastante necessidade de contato. Ficou sentado no meu colo a aula inteira, se jogava por cima, segurava minhas mãos, abraçava pra se pendurar e ficar de cabeça pra baixo. Inclusive ele repetiu várias vezes a sequência abraçar, pendurar e jogar a cabeça para trás. (Relato de mediadora em 26/02/2024, graduanda da Terapia Ocupacional)

Os dados também indicam que a adaptação pedagógica às necessidades sensoriais das crianças foi um componente essencial do sucesso das aulas. No caso do Luar, foi observado que ele se incomodava com sons altos, especialmente durante a música da Xuxa, o que afetava sua participação. Após o ajuste do volume, seu comportamento se estabilizou, permitindo que ele retomasse a atividade de forma tranquila.

Em outro caso, uma das alunas iniciou o processo das aulas com preferência em permanecer em cima da mesa no canto da sala. A retirada do objeto que fixava a atenção de Lumi (nome fictício para uma das alunas), para estimular a criação de novas possibilidades de trajeto, também mostrou ser uma adaptação eficaz, promovendo maior interação com o espaço e os colegas, apesar de ter tido uma crise inicial causada pela mudança. Esses ajustes demonstram a importância de um ambiente sensorialmente adaptado às necessidades individuais dos alunos para promover a inclusão e a participação.

Houve necessidade também, de ajustar a dinâmica das aulas, especialmente no que diz respeito aos comandos verbais, que foram acompanhados de gestos corporais claros para garantir maior compreensão. O uso de músicas familiares para as crianças facilitou o processo de engajamento e interação.

4. DISCUSSÃO

4.1 Tempo de adaptação da professora autista no trabalho

Os resultados observados corroboram os achados de Jones et al. (2022), que destacam a importância de proporcionar tempo e espaço para que indivíduos autistas possam se adaptar a novos contextos. A sobrecarga sensorial inicial, vivenciada pela professora, sublinha a necessidade de adaptações institucionais para apoiar melhor os profissionais autistas. Reiteramos que se a licencianda estivesse em um emprego formal, provavelmente não teria o tempo necessário para essa adaptação gradual, o que afetaria a qualidade do seu trabalho.

Esse cenário destaca um dos desafios que professores autistas podem enfrentar ao ingressar no mercado de trabalho, particularmente no setor educacional. Estudos apontam que a falta de compreensão sobre o autismo, aliada aos impactos sensoriais e à revelação do diagnóstico, cria barreiras significativas para a inserção desses profissionais no ambiente escolar. A ausência de tempo adequado para adaptação também é frequentemente mencionada como um obstáculo, prejudicando o desempenho e a saúde mental dos professores autistas (Madeira: Happé, 2021).

4.2 Vínculo com os alunos e aceitação do não querer

Na busca unilateral para o planejamento de uma boa proposta didática, era comum eu me perguntar o que faria aquelas crianças dançarem. A lógica dessa busca se pauta na produção de uma proposta de “dança para” crianças autistas, mas aquelas crianças não estavam na clínica, muito menos em uma escola.

Por isso, a partir deste ponto, de consecutivas aulas diagnósticas e experimentais, o processo tornou-se sobre “dançar com” crianças autistas. Aproximamo-nos então da noção do projeto pedagógico denominado aracniano, do autor Fernand Deligny (2015), que investigou e cartografou suas experiências na área da educação (e além dela)¹⁰ junto a crianças e jovens autistas na França.

Deligny propôs uma prática pedagógica coletiva de criação de sentido, onde o educador investiga o agir autista para perceber e ser afetado pelas diferenças. Como Sônia Matos (2016, p. 101) observa, que o pensamento aracniano descentraliza as práticas pedagógicas tradicionais e nos ensina a valorizar as singularidades dos sujeitos autistas, sem impor expectativas normativas ou psicopatológicas.

Essa mudança de paradigma transformou a concepção das aulas de Dança, permitindo a emergência de um modo de fazer que vai além das áreas disciplinares tradicionais. Matos (2016, p. 102) reforça que essa prática educacional "nos ensina a pensar como é uma pedagogia que se faz junto com o agir autista, e não sobre o agir autista."Essa abordagem exige desapego das normas tradicionais. O "querer" autista não segue expectativas conhecidas e o relacionar-se transcende as palavras. É necessário estar disponível para o desconhecido e para o gesto que não depende de um significado pré-estabelecido.

¹⁰ Deligny atuou na educação especial no começo da sua carreira, mas sua obra investe em áreas diversas como a etologia, antropologia, filosofia, educação e arte. O mesmo não se considerava um educador, mas um poeta.

Diante disso, surgiram novas questões: Quem são essas crianças? Como elas se relacionam com o espaço e entre si? Como são afetadas pelas proposições dançantes durante a aula? Quais gestos nos apresentam nesse processo?

Observamos diferenças significativas nas manifestações do autismo, já que a turma era composta por crianças com diferentes diagnósticos e níveis de suporte. Algumas permaneciam sentadas e quietas, observando o ambiente ao redor, e, quando tentávamos interagir, a atenção delas não se sustentava por muito tempo. Acessar essas crianças foi um grande desafio, mas o tempo mostrou que, na aula de Dança para pessoas com deficiência, "não devemos criar expectativas de sucesso imediato e absoluto; os resultados aparecem gradativamente com trabalho contínuo, organizado e planejado" (Prado, 2009, p. 44-45).

Além disso, aprendemos a valorizar a manifestação do "não querer participar". Foi essencial respeitar esse desejo, reconhecendo-o como uma forma legítima de comunicação. Dar espaço ao "não querer" das crianças permitiu que, em outros momentos, elas se sentissem seguras o suficiente para dançar e participar ativamente.

4.3 A ética no trabalho com crianças autistas

A dificuldade da expressividade social e corporal, tão comum em pessoas autistas devido à sensação de inadequação em situações sociais, pode ser confrontada por meio de práticas artísticas, como a Dança. Ao oferecer um espaço de experimentação coletiva, a Dança tem o potencial de proporcionar um ambiente onde as fronteiras da individualidade se diluem e se abre a possibilidade de pertencimento.

Nesse sentido, Viana (2015, p. 35) em seu trabalho de contato-improvisação com jovens autistas na França, aponta que a Dança, como elemento cultural presente desde os tempos remotos nas sociedades humanas, instaura um espaço de compartilhamento que transcende a individualidade, produzindo uma espécie de território, absorto de uma necessidade profunda do coletivo.

A autora sustenta que, se existe este espaço de pertencimento a algo maior do que o indivíduo, também há aquele lugar restrito, excludente, que adoce o corpo e a alma, ressaltando a dualidade entre pertencimento e exclusão. É esse outro, o espaço do silenciamento e da exclusão, sendo um alerta perante a vulnerabilidade social de pessoas autistas, que sublinha a importância da criação e promoção de espaços de emancipação para este público.

Em um outro estudo sobre o mesmo tema, Ferreira (2022, p. 89) apresenta a ideia de que “quando desativamos usos que reproduzem valores éticos e políticos normativos, consagrados e naturalizados, abre-se espaço para danças que permitem à vida fluir, potencializando os corpos para que possam agir no mundo.”

Essas abordagens propõem que, mais do que ensinar qualquer técnica específica de Dança, a conduta e a sensibilidade do educador devem se orientar pela criação de oportunidades de experimentação. O objetivo é possibilitar que os indivíduos autistas adquiram autonomia e encontrem um espaço para manifestar seus desejos.

Ferreira nos lembra da importância ética e política de se criar um ambiente que reconheça e valorize as singularidades dos autistas, desafiando a tendência de silenciar esses corpos. A experimentação, nesse contexto, emerge como um processo contínuo de vir a ser, onde o agir não está preso à necessidade de um significado imediato, mas à liberdade de existir e se expressar.

4.4 Adaptação pedagógica e estrutural da sala de aula.

Os ajustes sensoriais realizados durante as aulas, como o controle do volume da música ou a reorganização do espaço da sala de aula, destacam a importância de criar um ambiente pedagógico que seja sensorialmente acessível às crianças autistas. Estudos de Koch (2015) já apontavam que a sobrecarga sensorial pode ser uma barreira significativa para a participação de crianças no espectro autista, algo que foi observado neste estudo. A retirada de estímulos excessivos e a adaptação do ambiente de forma contínua foram fatores essenciais para garantir que as crianças pudessem participar de forma mais ativa. Esses resultados indicam que as práticas pedagógicas devem considerar sempre os ajustes sensoriais como parte integral da inclusão.

5. IMPLICAÇÕES

Os resultados deste estudo sugerem que o ensino de Dança para crianças autistas demanda um olhar cuidadoso para suas necessidades individuais, tanto no que diz respeito ao tempo de adaptação quanto às exigências sensoriais e emocionais. As estratégias pedagógicas de adaptação devem ser priorizadas no planejamento das aulas, uma vez que essas adequações são essenciais para criar um ambiente inclusivo. Além disso, a construção de vínculos afetivos e a flexibilidade no ensino emergem como pilares centrais para promover um espaço de aprendizado que valorize e respeite as particularidades de cada aluno.

Esses achados reforçam a relevância de uma abordagem pedagógica que celebre a diversidade de maneiras de aprender e interagir, posicionando a Dança não apenas como um meio de intervenção terapêutica, mas como um campo de conhecimento acessível a todos. Ao destacar a importância das adaptações pedagógicas contínuas, o estudo oferece insights valiosos para a educação inclusiva, sublinhando a necessidade de práticas pedagógicas que atendam às especificidades de alunos neurodiversos.

6. CONTRIBUIÇÕES PARA O CAMPO: tecendo algumas considerações

Sob a perspectiva fenomenológica, este estudo proporciona uma reflexão profunda sobre a prática pedagógica de uma professora autista ensinando crianças autistas, revelando a riqueza das experiências vividas em sala de aula. A prática educativa, nesse contexto, transcende a simples transmissão de conhecimento e se torna uma interação dinâmica e relacional entre professor e aluno, mediada por vínculos afetivos e por adaptações constantes, essenciais para um ensino verdadeiramente inclusivo.

O vínculo afetivo com os alunos emergiu como um componente central dessa prática. Ele não se limita à comunicação verbal, mas se desenvolve a partir de uma sensibilidade que permite ao professor perceber e responder às necessidades e ritmos de cada aluno, respeitando seus tempos e limites. A fenomenologia nos ajuda a entender essa relação como profundamente intersubjetiva, onde as experiências tanto do professor quanto dos alunos se entrelaçam e se transformam mutuamente. Esse espaço relacional possibilita que a Dança se configure como um meio autêntico de expressão, no qual as crianças encontram reconhecimento e liberdade para serem quem são.

A prática pedagógica, neste cenário, vai além da aplicação de técnicas ou métodos. Ela se constrói a partir de uma relação significativa, permeada pela sensibilidade e pela flexibilidade, onde o brincar e o movimento se tornam chaves para abrir novas formas de interação e expressão. Ao criar um ambiente acolhedor e seguro, as crianças encontram oportunidades para superar a rigidez que muitas vezes marca suas interações sociais, permitindo-lhes se expressar com maior liberdade.

Além disso, este estudo evidencia a necessidade de suporte adequado para a inserção de professores autistas no mercado de trabalho. A sobrecarga sensorial e emocional enfrentada por esses profissionais requer a criação de ambientes de ensino ajustados às suas necessidades, como turmas menores e espaços sensorialmente controlados. Essas adaptações

são cruciais para assegurar um trabalho pedagógico de qualidade, minimizando o impacto das demandas sensoriais e cognitivas no desempenho dos professores.

Os desdobramentos que surgem desta pesquisa indicam a necessidade de mais estudos focados na inclusão de profissionais autistas no campo educacional. A literatura atual ainda aborda de forma limitada os desafios enfrentados por professores neurodiversos, e as pesquisas futuras devem explorar estratégias de apoio, que perpassam por adaptações sensoriais e até mudanças nas políticas institucionais que permitam uma maior integração desses profissionais.

Outro ponto que desperta atenção é a inclusão das práticas pedagógicas neurodiversas na área da Dança. Este estudo abre possibilidades para investigar como diferentes formas de expressão artística podem ser utilizadas como meio de comunicação e criação de vínculos em ambientes educacionais. O campo da Dança, quando entendido como um espaço que valoriza a diversidade de corpos e mentes, pode se expandir para acolher e apoiar práticas que respeitam os ritmos e peculiaridades dos alunos neurodiversos.

O uso de estratégias lúdicas, como brincadeiras, músicas e jogos, também se mostrou eficaz na redução de comportamentos defensivos entre as crianças. A fenomenologia nos permite compreender como essas práticas facilitam a criação de vivências corporais que respeitam o ritmo e as particularidades de cada aluno, proporcionando um espaço onde o corpo pode se expressar livremente.

Em resumo, a inclusão no ensino deve ser construída a partir de uma adaptação mútua, que respeite as especificidades de professores e alunos autistas. A combinação entre o lúdico, a arte e a criação de vínculos afetivos constitui a base para o sucesso pedagógico em um ambiente inclusivo, onde as diferenças são valorizadas como fontes de enriquecimento, em vez de serem vistas como barreiras. A partir deste estudo, abre-se um campo fértil para investigações que continuem a explorar a importância do reconhecimento da neurodiversidade no contexto educacional e a criação de ambientes que promovam o bem-estar de todos os envolvidos.

7. REFERÊNCIAS

CUNHA, Ane Cristine Hermínio. **Aprendizagem e desenvolvimento das funções mentais superiores das crianças com o transtorno do espectro autista**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em educação. Universidade Federal de Sergipe, 2023.

De Jesus, B.M., Oliveira, R. C., de Carvalho, F. O., de Jesus Mari, J., Arida, R. M., & Teixeira-Machado, L. **Dance promotes positive benefits for negative symptoms in autism spectrum disorder (ASD): A systematic review**. *Complementary Therapies in Medicine*, 49, 102299, 2020. <https://doi.org/10.1016/j.ctim.2020.102299>

DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. Tradução Lara de Malimpesa. São Paulo: n-1 edições, 2015.

FERREIRA, Silvana Rocco. **A criação da dimensão clínica da Dança com pessoas autistas**. São Paulo. Revista Aspas, v. 12, n.1, 2022. doi: 10.11606/issn.2238-3999.v12i1p86-98

FERREIRA, Silvana Rocco; TROTTA, Mariana de Rosa; RIBEIRO, Ruth Silva Torralba. Por uma Clínica Política-Sensível: a performatividade do terapeuta e da Dança na profanação do dispositivo clínica do tratamento de autismo. In: VIEIRA, M.; RENGEL, L.; MARQUES, L.; PINTO, A. (Orgs) **Dança em Múltiplos Contextos Educacionais**. Salvador. Editora ANDA, 2020, p. 226-241.

HERMANS, C. **Let's dance: Participatory sense-making in an eight-year-old boy with autism**. *Journal of Dance Education*, v. 19, n. 1, p. 23-33, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15290824.2018.1422254>. Acesso em: 28 set. 2024.

JONES, Sandra C. **Let's talk about autistic autism researchers**. *Autism in Adulthood*, v. 3, n. 3, p. 206-208, 2021.

KOCH, S. C. et al. **Fixing the mirrors: A feasibility study of the effects of dance movement therapy on young adults with autism spectrum disorder**. *Autism*, v. 19, n. 3, p.

338-350, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1362361314522353>. Acesso em: 28 set. 2024.

LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

MASTROMINICO, A. et al. **Effects of dance movement therapy on adult patients with autism spectrum disorder: A randomized controlled trial**. *Behavioral Sciences*, v. 8, n. 7, p. 61, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/bs8070061>. Acesso em: 28 set. 2024.

MARTINS, J.; BOEMER, M. R.; FERRAZ, C. A. **A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações**. *Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo*, v. 24, n. 1, p. 139-147, abr. 1990.

MASTROMINICO, Anna; FUCHS, Thomas; MANDERS, Elizabeth; STEFFINGER, Lena; HIRJAK, Dusan; SIEBER, Maik; THOMAS, Elisabeth; HOLZINGER, Anja; KONRAD, Ariane; BOPP, Nina. **Effects of Dance Movement Therapy on Adult Patients with Autism Spectrum Disorder: A Randomized Controlled Trial**. *Behavioral Sciences*, v. 8, n. 7, p. 61, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/bs8070061>. Acesso em: 28 set. 2024.

MATOS, Sônia. **O pedagogo francês Fernand Deligny (1913-1996) e a sensibilidade estética da existência autista**. Resenha do livro *O Aracniano e Outros Textos*, de Fernand, D. *Revista Entreideias, Salvador*, v. 5, n. 2, p. 97-102, jul./dez. 2016.

MILLARD, O.; LINDOR, E.; PAPADOPOULOS, N.; SIVARATNAM, C.; MCGILLIVRAY, J.; RINEHART, N. **AllPlay Dance: Two Pilot Dance Projects for Children With Disability, Developed and Assessed With a Dance Studies Approach**. *Frontiers in Psychology*, v. 12, p. 567055, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.567055>. Acesso em: 28 set. 2024.

NELSON, C. et al. **Use of a creative dance intervention package to increase social engagement and play complexity of young children with autism spectrum disorder**. *Education and Training in Autism and Developmental Disabilities*, v. 52, n. 2, p. 170-185, 2017.

OLIVEIRA, Ricardo Augusto de Souza. **O Sistema Capitalista e o Espectro Autista: uma Análise sobre o Capacitismo e Eugenia sob um Olhar Marxista**. 2022. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/items/f6de2ec8-8a9f-4e7f-b0a3-b40ddf39186b> Acesso em 03 de setembro de 2024.

ORTEGA, Francisco. **O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade**. Rev. Mana 14(2), 2008. p. 477-509.

PRADO, Nadja Seixas. **Dança e Deficiência: um espetáculo de sucesso**. Sergipe. Editora J. Andrade, 2009.

ROBLEDO, J.; DONNELLAN, A. M.; STRANDT-CONROY, K. **An exploration of sensory and movement differences from the perspective of individuals with autism**. *Frontiers in Integrative Neuroscience*, v. 6, p. 107, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fnint.2012.00107>. Acesso em: 28 set. 2024.

ROSSI, P.; MUNSTER, M. de A. van. **Dança E DEFICIÊNCIA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA EM TESES E DISSERTAÇÕES NACIONAIS**. Movimento, [S. l.], v. 19, n. 4, p. 181–205, 2013. DOI: 10.22456/1982-8918.39132. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/39132>>. Acesso em: 28 jun. 2024.

SANTOS, Tereza. **Teoria da Mente: compreendendo as intenções dos outros**. Museudavida. 2022. Disponível em <<https://www.invivo.fiocruz.br/saude/teoria-da-mente/#:~:text=Conhe%C3%A7a%20a%20Teoria%20da%20Mente,estados%20mentais%20de%20outras%20pessoas&text=Imagine%20que%20o%20menino%20Maxi,de%20'teoria%20da%20mente'>>. Acesso em: 28 set. 2024.

STEVENS, Cat. **The lived experience of autistic teachers: a review of the literature**. International Journal of Inclusive Education, p. 1-15, 2022. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13603116.2022.2041738?casa_token=nBOOoq4xNYAAAAA%3AID8lrrpBhcHbY-u_gGLTijM1pvPDEv-bymvtkV1OmV8M9g6LNgsmlLqnwyFefR4QmpsqcHGt3Qkd4kD

SUHR, Inge. Avaliação do processo ensino-aprendizagem: classificatória e seletiva ou diagnóstica e formativa?. In: ZAGONEL, Bernadete. **Avaliação da aprendizagem em Arte**. Curitiba: Editora IBPEX, 2009, p. 21-40.

TALT PRODIDA. **Sistematização de aulas de Dança para TEA por Lavínia Teixeira-Machado**. Youtube, 11 de Maio de 2020. 4min22s. Disponível em: <https://youtu.be/tBesV_w8qzk?si=JF1VDZTViPdr9-fw>. Acesso em: 17 de Julho de 2024.

TEIXEIRA-MACHADO, L. **Dance therapy in autism: a case report**. *Fisioterapia e Pesquisa*, v. 22, p. 205-211, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.590/1809-2950/11137322022015>. Acesso em: 28 set. 2024.

TEIXEIRA-MACHADO, L. et al. **A pilot randomized controlled clinical trial of dance practice for functionality in autistic children and adolescent with all levels of need support**. *Complementary Therapies in Clinical Practice*, p. 101650, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ctcp.2022.101650>.

VIANNA, A. F. “Ensaio sobre Dança e autismo”. In: **Seminário Online O que pode a arte? Afetos, autismos e artes**, org. Maria Rejane Reinaldo, p. 15-25. Fortaleza, Edição Teatro da Boca Rica, 2021.